



Mutirões feministas agroecológicos na zona oeste do Rio de Janeiro: o direito de morar e plantar¹

Agroecological feminist mutirões in the west zone of Rio de Janeiro: the right to live and plant

SOUZA, Saney¹; BAPTISTA, Silvia²; FREITAS, Caren³; CANDIDO, Jéssica⁴; FREITAS, Rosineide⁵; MACHADO, Ana Carolina⁶

¹Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste e Rede Carioca de Agricultura Urbana, saneysoza@yahoo.com.br; ²Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, Rede Carioca de Agricultura Urbana, IPPUR/UFRJ, s2baptista@gmail.com; ³UFRRJ, carenfreitas.lima@gmail.com; ⁴Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, jessica_candido@id.uff.br; ⁵Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, rosineidecf@gmail.com; ⁶UFF, anamachado.carol@yahoo.com.br

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: Tendo como metodologia a pesquisa-ação, pretende-se analisar a experiência dos mutirões feministas agroecológicos e a resistência dos quintais produtivos em contraposição ao movimento hegemônico, refletindo as experiências da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste no fortalecimento do feminismo periférico. Em 2018, foi iniciado o projeto Mulheres em Ação, mutirões feministas na ocupação urbana Bosque dos Caboclos, periferia Zona Oeste do Rio de Janeiro; em um território majoritariamente negro, foram construídos empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida que não possuem os quintais produtivos como parte constitutiva do projeto. Dos questionamentos e necessidades objetivas que refletem a urgência da luta por moradia digna, os feminismos foram postos para coadunar o direito de morar e plantar. Nesse bojo, os mutirões seguem em contraponto à produção imobiliária que fomenta espaços menores, suprimindo os quintais, a Segurança Alimentar e Nutricional e a Soberania Alimentar.

Palavras-chave: feminismos periféricos, moradia, Soberania Alimentar, autogestão

Introdução

A partir da convergência entre as pautas dos feminismos periféricos da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro, juntamente com o escritório Arché e o PACS (Instituto Políticas Afirmativas para o Cone Sul), em 2018, foi dado o início do Projeto Mulheres em Ação, nos Caboclos, periferia do bairro de Campo Grande. O projeto foi iniciado tendo como foco os mutirões feministas para pequenos reparos na casa de três companheiras da ocupação urbana Bosque dos Caboclos. Conectado às soluções socioambientais, as intervenções buscam preservar seus quintais produtivos, cuja relação com a Agroecologia questiona a especulação imobiliária e seu modelo de moradia, bem como as ausências em territórios periféricos e negros e o quanto isso impacta, principalmente, a vida das mulheres negras.

Compreende-se aqui os feminismos periféricos enquanto propostas simultaneamente anticapitalista, antirracista e antipatriarcal (MARTIN, 2013, p.60).

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Nesse embasamento, agrega-se a perspectiva do espaço, uma vez que os territórios periféricos são de maioria negra e o acesso aos equipamentos urbanos, infraestruturas básicas e a moradia digna é negado sucessivamente às mulheres. Conquanto a Agroecologia, ela é encaminhada a partir de um campo de conhecimento que abarca os conhecimentos ancestrais com o conhecimento de diferentes ciências, partindo de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica, que busca contribuir para que as sociedades redirecionem a co-evolução social e ecológica nas suas mais diferentes inter-relações e mútua influência (CAPORAL, 2009, p.899)

Nesse sentido, refletindo sobre o panorama da Zona Oeste, cabe destacar a contraposição de modelos no território: há de um lado uma expansão imobiliária que tende a diminuir os quintais produtivos e os conhecimentos acumulados e de outro lado há uma atuação coletiva feminista autogestionária que defende a preservação dos quintais produtivos agroecológicos, centrando-o para a promoção da Saúde, Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e a Soberania Alimentar. É emblemático que essa expansão imobiliária ocorra para a Zona Oeste, região com a maioria negra da população do município e cuja existência dos quintais produtivos é importante para a promoção SAN e Soberania Alimentar. De acordo com o IBGE (2010), os bairros de Santa Cruz possuem mais de 67% da população negra, Paciência 65%, Senador Camará 61%, Campo Grande mais de 50%. É importante mencionar que nas periferias essa proporção é ainda maior. Isto é, nas periferias e favelas dos bairros da Zona Oeste, por exemplo, na Cidade de Deus, a população negra representa mais 72% da população. No que tange à produção, há uma significativa produção de banana, caqui, aipim, plantas medicinais e alimentícias não Convencionais (PANCs) que são vendidos nas feiras e ou são partes fundamentais da SAN e Soberania Alimentar. Dimensões essenciais enquanto resistência em uma país latino-americano dependente, mas também enquanto construção de alternativas e transições.

No entanto, frente esse cenário, a produção imobiliária é ascendente e vai em contraponto ao direito de morar e plantar, convergência necessária da Agroecologia. Segundo dados da Secretária Municipal de Urbanismo (SMU) do Rio de Janeiro, entre as décadas de 2000 e início de 2010, há uma forte ascendência dos licenciamentos permitidos para a região. No bairro de Campo Grande, entre 2006 e 2010, há um aumento de mais de 800% no tocante ao número de unidades com pedido de construção à prefeitura do Rio de Janeiro. Em 2006, os licenciamentos totalizavam 1.216 unidades, e em 2010 esse número desponta para 11.414. Em grande parte, esse aumento se relaciona com a implementação do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Com presença massiva das construções faixa 1 (destinadas às famílias com renda mensal bruta até 1.800,00 reais) nas periferias da Zona Oeste, este cenário indica dados importantes da lógica do mercado de terrenos mais baratos, inviabilizando a existência dos quintais para as populações mais pobres.



Na região do Bosque dos Caboclos foram construídos dois empreendimentos desse programa, com espaços bem reduzidos. E, em contraponto ao crescente cenário de especulação imobiliária e do modelo de moradia perpetrado pelo PMCMV nos territórios periféricos da Zona Oeste, o projeto Mulheres em Ação fomenta os mutirões feministas, valorizando os quintais das mulheres. Constituindo, portanto, um movimento de mulheres periféricas autogestionária, em um território cujo acesso aos equipamentos urbanos e saneamento básico são precários, na defesa da SAN e da Soberania Alimentar. Diferindo, desse modo, da lógica da expansão imobiliária que não abarca a dimensão dos quintais produtivos enquanto possibilidade de moradia digna.

Metodologia

A metodologia da presente pesquisa parte da pesquisa-ação. Contudo, subverte-se a relação clássica pesquisadores e pesquisados, construindo coletivamente, a partir de leituras de território, a compreensão acerca dos feminismos, periferia, conflitos socioambientais e os impactos na vida das mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro, mais explicitamente na ocupação urbana Bosque dos Caboclos (MILITIVA, 2018). Essa construção coletiva parte de diferentes leituras e convergências acerca das vivências desde os territórios, mas ancorado na perspectiva de que a Agroecologia é uma construção mais ampla e em diferentes escalas, refutando assim o localismo (BRANDÃO, 2004). No tocante aos dados utilizados, são utilizadas análises de dados secundários de instituição oficiais, como a SMU e o IBGE.

Resultados e Discussão

A Zona Oeste do Rio de Janeiro, território da atuação da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste, é marcada pelo histórico relacionado à agricultura. Até a década de 1970, esses territórios, outrora denominados como o “Sertão Carioca”, eram considerados rurais. É após o Decreto nº 322 de 1976 que toda extensão territorial do município do Rio de Janeiro torna-se urbana. Não obstante, a agricultura persistiu na região, especialmente na resistência da agricultura tradicional que sofre com a expansão do capital imobiliário. Diante deste cenário, o projeto Mulheres em Ação buscou, a partir dos mutirões feministas, a prática do cuidado coletivo com base na agroecologia, preservando o papel central dos quintais das mulheres. Essa atuação autogestionada e protagonizada por mulheres, em territórios cujo acesso aos equipamentos urbanos e infraestruturas e serviços básicos são altamente precários, tornar-se multiplicadora dos debates feministas agroecológico e convergências no território.

Contra a lógica da produção imobiliária, voltado para a Zona Oeste do Rio de Janeiro, a construção dos mutirões agroecológicos faz refletir sobre questões como: quem tem direito ao solo na cidade? Qual é o sentido do morar bem? O quanto



morar na periferia e a ausência de moradia digna ressoam na vida das mulheres? Qual a importância dos quintais produtivos e a importância da Agroecologia enquanto modelo de transição para uma sociedade melhor? Essas questões que orientam a construção na perspectiva de luta por um modelo de cidade onde produzir alimento e vida saudável tanto é possível, quanto se faz urgente.

Sobre os quintais produtivos, salienta-se a importância não apenas da SAN, mas também da Soberania Alimentar, uma vez que, o acesso aos alimentos saudáveis por parte da população mais vulnerável é essencial no fortalecimento da agroecologia enquanto transição, não somente no modo de produzir alimentos, mas como possibilidade de reconstruir as relações sociais, na direção de refazer a nós mesmas, nossas cidades e caminhos possíveis para a construção de uma outra sociedade.

Conclusões

O projeto Mulheres em Ação – Morar e Plantar é uma iniciativa recente. É dado pela convergência de diferentes dimensões e vivências de mulheres nos territórios. No contexto da dimensão da realidade da periferia do Rio de Janeiro, compreende-se que a mudança se faz a partir de diálogos tendo como base a realidade concreta das mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro. E é nesse diálogo cotidiano, que ocorre historicamente nos quintais produtivos, que a convergência entre a Agroecologia e o direito à moradia é fomentado. Partindo desse princípio, os mutirões feministas iniciaram suas práticas na casa de três mulheres do território. Pensando soluções socioambientais para reparos necessários, mas sem prejudicar os quintais produtivos.

Dentre algumas ações já consolidadas e/ou que estão em andamento, priorizando os quintais com seus pés de frutas, hortaliças, plantas medicinais, PANCS e enquanto espaço de encontros estão: a construção de uma biovaleta, coletor de água da chuva, troca de um telhado com técnicas socioambientais. Essa construção visou fortalecer a Coletiva e fomentar debates e proposições na construção de perspectivas sobre a cidade, principalmente, a que está hegemonicamente sendo posta para a população mais pobre, quer dizer, espaço cada vez menores e desconectados da prática de plantar. Compreende-se que o morar e plantar não pode ser apenas direito dos mais capitalizados, relegando à população mais pobre e negra um projeto via mercado e cuja a terra é cada vez mais inacessível, prejudicando a SAN, a Soberania Alimentar e o direito de moradia digna.

Outro ponto de necessária consideração sobre as práticas feministas nos quintais agroecológicos é acerca das múltiplas escalas da construção da Agroecologia. Tendo em conta que o racismo, o machismo, e outras opressões em que o capitalismo se ancora refletem diretamente no território. E a especulação imobiliária é mais um braço do sistema capitalista, imbricada com outras formas de opressão,



que se expressa nos tensionamentos pela exclusão dos quintais produtivos, os quais, na ocupação urbana do Bosque dos Caboclos, juntamente com a Coletiva Popular de Mulheres e Coletiva Feminista as Caboclas, sua valorização possui lugar central. Compreende-se, portanto, que o direito de plantar e morar faz parte da construção coletiva do que se quer em uma nova sociedade. Por isso, a dimensão de interligar diferentes escalas, não apenas com soluções pontuais que são urgentes no âmbito do feminismo periférico, mas tendo em conta as necessárias transformações e interligações na luta por uma outra sociedade. Em outras palavras, apesar do avanço necessário no cotidiano que deve ser imprescindível na construção da Agroecologia para as mulheres periféricas, principalmente, as negras, a dimensão do localismo aqui é refutada. Busca-se com essas experiências o fomento da crítica, da construção de modelos, fortalecimento das mulheres, a prática de que o morar e plantar é possível e resiste na periferia da Zona Oeste do Rio de Janeiro. E, não menos importante, conectar a lutas.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos. O processo de subdesenvolvimento, as desigualdades espaciais e o “jogo das escalas”. **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais. (Org.). Desigualdades Regionais. Salvador: SEI**, p. 9-37, 2004.

CAPORAL, Francisco Roberto et al. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. **Brasília: MDA/SAF**, 2009.

MILITIVA. Mulheres em movimento: militância investigativa na Zona Oeste do Rio de Janeiro| Women on the move: investigative militancy in the West Zone of Rio de Janeiro. **Revista Em Pauta**, v. 16, n. 41, 2018.

MARTÍN, Rocío Medina. Feminismos periféricos, feminismos-otros: una genealogía feminista decolonial por reivindicar. **Revista internacional de pensamiento político**, v. 8, p. 53-79, 2013.